

## **A desconstrução da paisagem. Possibilidades de reinterpretação da sustentabilidade urbana.**

*The deconstruction of the landscape. Possibilities for reinterpreting urban sustainability.*

*La deconstrucción del paisaje. Posibilidades de reinterpretar la sostenibilidad urbana.*

**Kelly Cristina Magalhães**

Professora Doutora, UNESP, Brasil  
Kelly.magalhaes@unesp.br

**José Francisco**

Professor, Doutor, PPGEU-UFSCAR, Brasil  
joofrancoo@gmail.com

**RESUMO**

O artigo apresenta o conceito de desconstrução da paisagem com a finalidade de proporcionar um novo olhar sobre o planejamento e projeto da cidade contemporânea. A paisagem é de fato correlata a história de sua transformação, isto nos permite interpretar o conjunto de documentos históricos objetivando-se entender os percursos e variações dessa paisagem. Assim, apreender como se deu a construção da paisagem a partir da somatória de saberes e técnicas que imprimiram sobre o espaço suas marcas, é o que podemos demonstrar. Logo, como ocorreu a desconstrução da paisagem na cidade de Altinópolis é o que veremos no decorrer deste artigo. Por fim, coloca-se a Desconstrução da paisagem como alternativa para revelar hipóteses positivas de intervir no território. Ante a esses argumentos para apropriação do uso da noção de desconstrução da paisagem, ou para se evidenciar novas oportunidades para esse território a ser projetado, é necessário entender essa rede de relações em diferentes escalas e assumir suas dinâmicas, tanto dos espaços construídos nas atividades dispersas, como dos espaços livres, e assim descobrir os conjuntos e sistemas de relações sobrepostas para compreender o mosaico como chave de exploração do território.

**PALAVRAS-CHAVE:** desconstrução da paisagem, memória, projeto da paisagem

**Abstract**

*The article presents the concept of landscape deconstruction with the aim of providing a new look at contemporary city planning and design. The landscape is in fact correlated with the history of its transformation, this allows us to interpret the set of historical documents in order to understand the routes and variations of this landscape. Thus, we can demonstrate how the construction of the landscape took place from the sum of knowledge and techniques that imprinted their marks on the space. Therefore, as it happened the deconstruction of the landscape in the city of Altinópolis is what we will see in the course of this article. Finally, the Deconstruction of the Landscape is placed as an alternative to reveal positive hypotheses of intervening in the territory. Faced with these arguments to appropriate the use of the notion of deconstruction of the landscape, or to highlight new opportunities for this territory to be projected, it is necessary to understand this network of relationships at different scales and assume its dynamics, both of the spaces built in the dispersed activities, and of the free spaces, and thus discover the sets and systems of overlapping relationships to understand the mosaic as the key to exploring the territory.*

**KEYWORDS:** deconstruction of the landscape, memory, landscape design

**RESUMEN**

*El artículo presenta el concepto de desconstrucción del paisaje con el propósito de proporcionar una nueva mirada al planeamiento y diseño de la ciudad contemporánea. El paisaje está de hecho correlacionado con la historia de su transformación, esto nos permite interpretar el conjunto de documentos históricos para entender las rutas y variaciones de este paisaje. Así, aprehender cómo se construyó el paisaje a partir de la suma de conocimientos y técnicas que imprimieron en el espacio sus marcas, es lo que podemos demostrar. Por lo tanto, como sucedió la desconstrucción del paisaje en la ciudad de Altinópolis es lo que veremos en el curso de este artículo. Por último, la Desconstrucción del Paisaje se coloca como una alternativa para revelar las hipótesis positivas de intervención en el territorio. Ante estos argumentos para apropiarse de la noción de desconstrucción del paisaje, o para poner de relieve nuevas oportunidades de proyección de este territorio, es necesario comprender esta red de relaciones a diferentes escalas y asumir su dinámica, tanto de los espacios construidos en las actividades dispersas, como de los espacios libres, y así descubrir los conjuntos y sistemas de relaciones superpuestos para comprender el mosaico como clave de la exploración del territorio.*

**PALABRAS CLAVE:** desconstrucción del paisaje, memoria, diseño del paisaje

## 1 INTRODUÇÃO

Desconstruir, a princípio, está carregado de um sentido negativo, graças ao uso do prefixo (des) junto à palavra construção que, diga-se de passagem, tem na nossa cultura um sentido positivo (LEITE, 1994, p. 16).

A desconstrução como método foi proposto por Jaques Derrida, adotado e muito difundido por pós-modernistas e persisti em vários setores do pensamento até os dias de hoje. Desconstrução não quer dizer destruição, como mencionado. Igualmente, é desmontar para analisar e entender o real da relação entre pessoas e objetos, mudando do foco da rede de relações, não mais voltados aos contadores da história, para dar voz às maiorias preteridas por essa mesma história. Desconstruir é, de fato, aproximar-se do conceito e significação original das palavras “analisar” e desfazer (LEGLER, 2002, p. 4).

A transformação do espaço existente é a realização do trabalho humano a partir da utilização da tecnologia, bem como a evolução da técnica no sentido do aprimoramento de aparelhos e ferramentas que alteram a relação do homem com seu meio. Ao tomarmos como pressuposto teórico a *desconstrução espacial*, podemos confirmar uma história do espaço somada à história da ocupação da sociedade em um determinado lugar. Implica dizer que a transformação do espaço necessariamente passa pela desconstrução de um estágio anterior desse lugar.

Para Marx, o homem produz novas necessidades, como primeiro fato histórico, que são supridas pelo trabalho aplicado na natureza, transformando-a e a ele próprio. Podemos considerar essa ‘transformação’ com o mesmo significado de desconstrução. A própria consciência humana estaria relacionada ao que estava próximo, ‘à mão’, quando diz: “Minha consciência é minha relação com aquilo que me rodeia” (MARX, 1983, p. 63, passagem grifada por Marx nos manuscritos).

Os meios de transformação são organizados em função da necessidade do homem extrair da terra os bens de consumo. A mão é a primeira ferramenta de transformação da paisagem e nesse sentido, o trabalho sobre a terra é a preambular forma de o homem adaptar-se ao meio. Essa seria a origem de todo o processo de transformação e da maior intensidade na interação sociedade-natureza.

A constatação é de que a excessiva modificação levou a um desgaste do meio e a vida na Terra chegou a um tenso desequilíbrio. Ainda sob a tônica marxista, a cabeça planeja, mas as mãos alheias é que executam, consideremos que a paisagem aciona níveis de intelectualidade. Inauguramos a ideia de mexida da paisagem. Portanto, pensar a paisagem deve-se tornar um pensar com a mão.

A mão que levada à parte frontal da cabeça consegue ver o horizonte, passa a dotar o homem da consciência sobre sua dimensão geográfica e do domínio do horizonte que ele avista. É imprescindível considerar que o movimento de pinça torna o homem diferente de todos os outros seres vivos, portanto está em questão que a mexida da paisagem é essa ação contingente. A sua capacidade de trabalho para explorar a terra e dominá-la também o torna

especial. Daí a gênese de todo o processo de modificação e de sujeição ao espaço modificado por seu trabalho.

Se tudo é resultado do trabalho humano, tudo está envolto por uma práxis. A questão que se coloca é onde está o natural? Poderíamos partir de uma práxis utilitária para uma práxis revolucionária?

A cidade é o lugar da história do homem (MARX, 1988). É ali então que a maior desconstrução/transformação pode ser observada. Quer pela intensificação da vida social e coletiva, como também por uma necessidade de consolidação da vida política, que posteriormente sofre aceleração graças à necessidade de concentração de atividades e de modernização dos espaços para melhor adequação à vida coletiva.

Ao mesmo tempo indagamos que para essa integração se efetivar ali, convertendo objetos técnicos onde antes eram exclusivamente coisas naturais, também se nota o advento de um mundo material. Uma vez estabelecida esta primeira distinção, entre o natural e o artificial, tem-se, pois, que distinguir as paisagens, na medida em que a construção humana em si deve à natureza a sua existência.

Desse ponto, vê-se a possibilidade de uma leitura deste material a partir da constituição de um quadro histórico mais geral e depreendendo desse para estabelecer chaves de entrada da ação sobre esse espaço. Essa dinâmica é tão somente o projeto dos desejos e esforços coletivos que se exprimem através das formas de representações coletivas e nas obras construídas.

A cidade, desse ponto de vista, representa um modo peculiar de estruturação da paisagem a partir de uma determinada materialidade: a construção. Essa ordem manteve-se como ponto de referência da civilização em que pese a acelerada desconstrução da paisagem, tanto pelos desejos das comunidades urbanas, como pela continuidade do ideário de progresso. Portanto, ali se acumulam camadas de tempos dessa civilização.

Esse percurso da transformação da paisagem é também uma história do projeto, pois a técnica empregada é fruto de um saber ou conjunto de saberes técnicos responsáveis por essas modificações.

O uso dos termos desconstrução e paisagem é feito na expectativa de colocar em questão um novo olhar sobre o planejamento e projeto da cidade contemporânea. Nasce aí a necessidade de aproximação dos territórios e da vontade de confrontá-lo com o processo de projeto, o que exige novas aproximações tanto à paisagem quanto ao projeto. O resultado é uma busca de instrumentos e processos úteis que permitam reconhecer as particularidades do território, sua estrutura, entender seu processo de transformação, decodificar suas potencialidades e conflitos para então criar hipóteses de projeto criando oportunidades de construir ferramentas de um novo projeto, o projeto de paisagem.

O enriquecimento do debate “ambientalista” foi marcado por um contexto histórico de crise econômica mundial e do processo de mundialização da cultura através do crescimento de formas de comunicação em escala global. Assim, a possibilidade de a temática se espalhar pelo globo era incalculável. Portanto é impossível dissociar questões ambientais e econômicas de



modo que o meio ambiente é fator estratégico para o desenvolvimento. Segundo Sachs (1986), “o meio ambiente é capital não fixo, tem limites, é esgotável, não é só recurso, mas também: serviços, espaço, genética, cultura etc., heterogêneo, dialético” (SACHS, 1986, p. 26).

De um lado, a noção de sustentabilidade e suas várias dimensões produziram uma agenda intumescida de uma falsa esperança, e de outro, a descrença no universo do campo decisório sobre a cidade também produziu um mal-estar em relação à inércia às novas tomadas de decisão.

Deste ponto a civilização apregoada pelos racionalistas produziu dois extremos: a destruição dos dogmas e mitos e a dessacralização da natureza e de outro, outro extremo, a divinização da mesma. Portanto, não é novidade nem a marcha pela preservação e nem, conceber na outra extremidade, a conduta que presa pelo desenvolvimento por si.

Para entender a validade do uso dos termos com conceito que inaugura uma nova forma de analisar a maneira com que devemos tratar a cidade, será preciso decretar fim ao conteúdo dual do pensamento ocidental (bem e mal, cheio e vazio, claro e escuro, dentro e fora, público e privado). A paisagem não pode mais ser entendida como a somatória dos antagonismos de rural e urbano, campo e cidade, ou do natural e artificial. Assim também, a desconstrução não pode ser vista como destruição.

Por desconstrução entende-se que, a princípio, está carregado de um sentido negativo, graças ao uso do prefixo (des) junto à palavra construção que, diga-se de passagem, tem na nossa cultura um sentido positivo (LEITE, 1994, p. 16).

A transformação do espaço existente é a realização do trabalho humano a partir da utilização da tecnologia, bem como a evolução da técnica no sentido do aprimoramento de aparelhos e ferramentas que alteram a relação do homem com seu meio. Ao tomarmos como pressuposto teórico a desconstrução espacial, podemos confirmar uma história do espaço somada à história da ocupação da sociedade em um determinado lugar. Implica dizer que a transformação do espaço necessariamente passa pela desconstrução de um estágio anterior desse lugar.

## **2 DESCONSTRUÇÃO: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA**

### **2.1 Uma questão de escala**

Alguns trabalhos significativos foram apresentados no Programa de pós Graduação em Engenharia Urbana e tem relevância para a abordagem desta pesquisa. Dentre eles, destacamos Regina Tarorella Reani (2007), cujo título é Parcelamento irregular do solo como forma de produção de periferia o caso de Jundiaí-SP, revela uma análise da legislação de parcelamento do solo na cidade de estudo como suporte para discussão da interface meio ambiente e legislação urbana.

Um segundo exemplo é a dissertação de Rodrigo Cesar Brogna (2007), sob o título Avaliação prévia de um paradigma urbano emergente: Ecovila Clareando, Piracaia- SP. Este trabalho trata do processo de aprovação da Ecovila, que dá nome ao trabalho, com o intuito de acompanhar o processo de consolidação das orientações para o desenho urbano sustentável.

Hugo Freitas de Sousa, A produção social da cidade: os discursos legitimadores da agregação sócio espacial no interior paulista: Ribeirão Preto 1889-1930 e Juliana de Nardin, sob o título Segregação socioespacial: os condomínios horizontais na cidade de São Carlos/SP, abordam em seus mestrados a Desconstrução espacial a partir da condicionante de transformação da cidade e a legitimação dos discursos de segregação socioespacial.

Para Nardin (2011)

As cidades como produto importante desse processo de desconstrução espacial é o que se procura analisar e entender, com o intuito de estabelecer novas formas de intervenções preocupadas com a qualidade do lugar. Essa prática de desconstrução espacial ainda incompreendida é o que garante a produção de espaços marcados pelo uso da técnica.

Moreira Jr (2009) discute a desconstrução espacial nos casos de Capão Bonito, Buri e Ribeirão Grande, sob o título Processos excludentes e produção do espaço urbano em cidades pequenas paulistas, o mestrado defendido em 2009, e onde os conceitos produção sócio espacial, transformação do espaço estão alinhados à ideia de desconstrução sócio espacial mais fortemente. Pode-se mencionar ainda o trabalho de Monteiro (2009), que trata sobre Moradia Social: Ocupação e espaços desconstruídos livres, este trabalho possibilitou uma maior compreensão do termo Desconstrução Mínima relevante para compreender o processo de desconstrução dentro do perfil legal da utilização do solo para habitação de interesse social. Esta pesquisa parte exatamente desses estudos como pressuposto teórico e preceitos da desconstrução socioespacial, considerando os seus avanços já amplamente discutido no âmbito acadêmico, e coloca a novidade: a desconstrução da paisagem como hipótese de projeto e análise do espaço adaptado e modificado pelo homem. A debate sobre a desconstrução socioespacial agora se dedica a estabelecer novas ferramentas para compreensão da transformação espacial, mas agora usando o forte argumento da paisagem.

Deste ponto pode-se parar e rever a possibilidade de, a partir da reconceitualização e reinterpretação dos mecanismos de transformação do espaço, visualizar a hipótese de uma continuidade de políticas de intervenção levando-se em conta as melhores potencialidades da paisagem no caminho de uma desconstrução mínima através do enfrentamento de novidades na relação plano-projeto de intervenção urbana.

A questão que se coloca é: Por que é preciso transformar tanto para usufruir do espaço? É possível estabelecermos novos parâmetros de utilização do espaço sem contudo esgotar todos os recursos espaciais, ambientais, culturais? É possível não sacrificar culturas anteriores no caminho da preservação máxima dos espaços físicos e sociais, entendendo-os já muito transformados?

Assim, um estudo multidisciplinar aprofundando em áreas inseridas na cidade tem como potencialidade equacionar melhor a destinação de fragmentos deste espaço, dando relevo a outros valores normalmente desconsiderados.

É preciso afirmar que há um projeto de paisagem na cidade de Altinópolis, porque as ações não prescindem de regras e técnicas. Esse projeto tem origem na forma e na cultura de fazer cidade, mais característica de cada tempo vivido por esta cidade. Há portanto, uma constante desconstrução de sua paisagem que requer uma compreensão e reinterpretação dos modos de construir sua paisagem.

Optou-se pela descrição das diferenças evidentes nesta construção/desconstrução da paisagem da cidade de Altinópolis, partindo da análise do processo histórico de transformação desta mesma paisagem. A História da transformação da paisagem é a abordagem principal, pois dela emerge a compreensão de um projeto de transformação em constante movimento (devir técnico). O movimento da paisagem, considerando a constante transformação do natural em artifício, é fruto de uma constante necessidade de absorção das técnicas de modificação em um 'tempo longo'. Os vestígios encontrados nas camadas históricas de emprego de uma engenharia apta a tornar este ambiente um ambiente moderno, são os efeitos que melhor apresentam a sua desconstrução.

A relação com a paisagem também está em transformação na medida em que o mediador da paisagem tende a alterar sua forma de concebê-la. No primeiro momento o mediador é um expectador, mas imprescindível para ser detectada a paisagem como objeto de estudos. A cidade constitui-se como problema desde o século XVIII, neste momento o quadro teórico sobre a paisagem posiciona o indivíduo que a concebe como um observador. É preciso ter um observador para que haja paisagem. Vemos isto na pintura, na conceituação dada pela geografia e diversos outros campos teóricos. Embora essa postura do observador já tenha conotações de imposição, ainda encontra barreiras/fronteiras, tal como a própria natureza, ainda desconhecida, por vezes, selvagem.

Posteriormente, o mediador assume a postura do transformador porque passa a dotar-se de meio e modos de transformá-la constantemente. Com a emergência das inovações das técnicas de transformação, exige-se uma espécie de jardineiro apto à transformação dessa paisagem, é aquele que detém conhecimento para modificar de maneira cada vez mais veloz esse jardim. A cidade moderna, sua forma e seu conteúdo, é resultante deste estágio de concepção da paisagem. A velocidade de transformação é requisito fundamental para entendermos como esse conhecimento acelera a própria desconstrução da paisagem. Para então concluir que essa desconstrução ocorre de maneira mais efetiva no espaço da cidade. É ali onde o natural e o artificial se entrelaçam formando uma trama muito densa e complexa.

Deste ponto, é necessário entender que a paisagem acumula todos os tempos, não só como no palimpsesto, mas pela fragilidade do próprio espaço. Neste sentido a emergência de uma nova concepção da cidade, a cidade não mais apta a constantes renovações, mais espalhada no território, e inerte pelas aporias aos modelos ecológicos, tem a paisagem como a novidade, e torná-la como ferramenta no modo novo de pensar/organizar/gerir a cidade.



## 2.2. Vestígios e impressões da desconstrução na paisagem

Ao analisar o território da cidade de Altinópolis, pela perspectiva da desconstrução da paisagem, observam-se pelo menos dois mil anos de ocupação indígena, pois ali se reconhece a utilização de materiais naturais para a produção de ferramentas por povos lá fixados. Assim, investigamos essa transformação no tempo longo para que os elementos de conformação da paisagem (solo, relevo, hidrografia, ar, clima, vegetação, fauna e, sobretudo, o homem) fossem cotejados nas suas dimensões naturais e culturais a partir de um saber universal (trabalho humano e produção do espaço), para então compreender a *práxis* da paisagem no caso do objeto estudado.

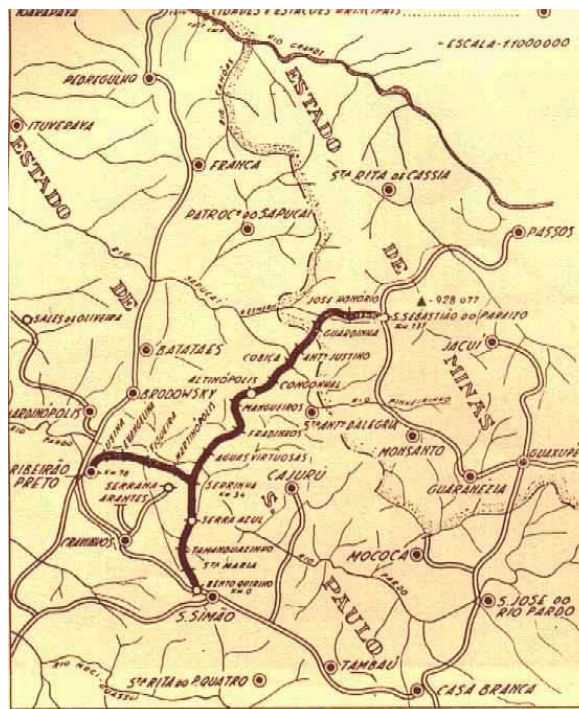
“Nem café, nem ferrovia”. Como primeiro movimento de ocupação do território do município de Altinópolis; município este localizado no interior do Estado de São Paulo vemos em sua história, registros muito significativos dos primórdios da civilização do período pré-colonial. Tudo indica que a ocupação de seu sítio geográfico é anterior ao período de colonização europeia em território brasileiro, pois nele se encontram as Oficinas Líticas pertencentes aos índios caiapós, primeiros habitantes dessas terras.

No meio rural, o desbaste de mata para o plantio de culturas exóticas, a artificialização de rios para represamento e drenagem de áreas de plantio, as sucessivas culturas implantadas conforme demandas do capital, somam-se à implantação dos trilhos da companhia de Estrada de Ferro São Paulo e Minas (1909), objeto técnico que integra atividades desenvolvidas em várias cidades e regiões, articula as forças produtivas no espaço da cidade e, com isso, acelera o processo de urbanização, o que é evidente no caso paulista num momento marcante para a história de sua urbanização. É o indício indiscutível da necessidade da história da desconstrução da paisagem de Altinópolis deva ser contada.

O mapa a seguir (Figura 1) apresenta o conjunto de cidades por onde os trilhos da São Paulo - Minas passavam. A Companhia foi inaugurada inicialmente como Cia Melhoramentos de São Simão e posteriormente foi comercializada e ampliado o seu trajeto, chegando à Minas Gerais no início do século XX, passando a ser chamada de Estrada de Ferro São Paulo - Minas.



Figura 1: Estrada de Ferro São Paulo-Minas: trecho que liga São Simão a São Sebastião do Paraíso, e Ribeirão Preto a Serrinha



Fonte: Catálogo de História das Ferrovias (FEPASA).

A este momento está associado ao crescimento do chamado Complexo Cafeeiro, bem como para o desenvolvimento de atividades urbanas por ele estimuladas. Com enfoque no período ferroviário, pois se acredita que este foi o período de maior modificação do meio natural, coloca-se a ferrovia como o eixo que alinha um conjunto de objetos em que são possíveis alguns aprofundamentos para compreensão deste processo de transformação.

Alguns objetos foram isolados para, em primeira instância, serem observados os modos, métodos ou processos que foram utilizados para o desmonte da natureza em seu estado natural e constituição de um objeto artificial na configuração e reconfiguração do espaço desconstruído. Neste movimento de desconstrução, o conjunto de saberes técnico-científicos será articulado ao histórico do espaço do homem, possibilitando uma montagem histórico-geográfica do conjunto de elementos neste espaço.

Dentre os objetos analisados para a verificação do processo metodológico de análise da desconstrução da paisagem, no contexto do território de Altinópolis, a ferrovia, bem como as tipologias de equipamentos implantados a partir da lógica de intervenção imposta pela Era Ferroviária (pontes, estações, antigas propriedade, conjunto de casas, trecho ferroviários e sua relação com a topografia, vegetação nativa), definiram as chaves de leitura para esta aprofundar a análise.

A exemplo deste primeira entrada para investigação da desconstrução da paisagem de Altinópolis temos a ponte sobre o Rio Pardo, construída no ano de 1895 em madeira e depois substituída por uma feita de aço.

Figura 2: Ponte sobre o Rio Pardo. Estrada de Ferro São Paulo e Minas. À direita, imagem da ponte atualmente.



Fonte: Núcleo do Centro Histórico de Altinópolis

Altinópolis encontra-se na rede de cidades do Estado de São Paulo que acolheu inúmeros equipamentos em decorrência das iniciativas na conhecida Era Ferroviária e desta forma sua estrutura foi alterada com a construção de galpões, estação, conjunto de casas, hotel, comércio, e melhorias urbanas que sucederam a esta etapa. Nota-se a passagem da etapa de produção dos artefatos, à produção fabril em algumas centenas de anos, e por vezes as ciências consideram esta passagem como representante do ideário de progresso. Progresso este que sufocou a nossa capacidade de reter na memória processos consagrados anteriormente.

O homem, como ser coletivo, é o agente transformador do espaço, por excelência, e como obra coletiva, tem-se a cidade. Existe aí uma lenta transformação da paisagem natural em paisagem arquitetônica, verificada durante o processo de civilização, acumulação de disparidades da aplicação da técnica, importante para a delimitação dos períodos de análise do processo de transformação do espaço histórico-geográfico da cidade no seu espaço natural, mas sabemos que neste ponto se dá a desconstrução da paisagem, ou seja, a conversão do natural em artifício. Portanto a desconstrução é equivalente à construção.

Nessa mesma lógica pôde ser observado um colar de intervenções urbanas em que a modificação do meio natural se prefigura como linguagem marcadamente característica da necessidade de civilizar o radicalmente natural. Assim, podem ser citadas as modificações ainda no século XIX e acomodações para canalização e retificação do córrego Mato Grosso, a própria instalação do complexo ferroviário, o parcelamento do solo e os ajustes desses locais na paisagem da cidade, e desenho de quadras e delimitação de usos urbanos, entre outros elementos.



No período de pesquisa, tivemos acesso a um grande volume de imagens, tidas como fonte primárias, o que possibilitou boa parte das análises transformação da paisagem de Altinópolis. Na figura 3 é apresentada uma das situações mais importantes desta pesquisa. À direita vemos uma fotografia tirada na década de 1930 e mostra a passagem do trem sobre a Cachoeira de Altinópolis, no córrego Mato Grosso. Este seria o exemplo da intensa desconstrução da paisagem. Para atingir a cota em que se encontrava o núcleo urbano da cidade de Altinópolis (nesse período era chamada de Mato Grosso de Batatais), o trecho da ferrovia teve que se ajustar à topografia declivosa com um desnível de cerca de 70 metros de altura. À esquerda, a fotografia atual apresenta alguns sinais dessa transformação. Uma vegetação que se regenerou na área de afloramento de rocha basáltica, e de solo pouco intemperizado e pouco profundo. Ao fundo, vê-se a cidade de Altinópolis espalhada pelo vale do córrego Mato Grosso.

Figura 3: Cachoeira do Córrego Mato Grosso. 1. Passagem do trem sobre a cachoeira na década de 1930.



Fonte: Nos Trilhos da Vida, Edilson Orlando Palmieri, s/d. Ao lado a Cachoeira atualmente (Acervo do Plano Diretor Participativo Urbano de Altinópolis, 2012)

O pressuposto teórico à desconstrução da paisagem, no caso da cidade de Altinópolis, define que os exemplares para essa análise, quer sejam eles materiais e/ou imateriais, representam o domínio do território no sentido de uma evidente transformação e adaptação constante do grupo social ao seu espaço natural. Esta abordagem possibilita o entendimento do percurso histórico desta transformação em meio ao conjunto de artefatos humanos civilizatório no processo de modernização do território.

Estudar a paisagem nos coloca de frente a uma maneira de pensar, portanto um conjunto de cognições/conhecimentos acerca do processo histórico-cultural, político, social, ambiental e econômico em constante transformação. Assim também implica em compreender a forma de conduta de um ou mais grupos sociais, pois é definida a partir de ações/conduita destes indivíduos sobre o espaço, o que diz respeito a uma ética própria de determinada paisagem. E

em última instância, a paisagem aciona a necessidade do reconhecimento de uma estética, que significa a faculdade de sentir ou aquilo que afeta os sentidos.

Assim, é também política a ação de desconstrução do espaço, pois a ação sobre o espaço produz meios de disputas e as disparidades são reveladas, para que se coloque em campo a luta de classe, divisão de trabalho, bem como a lógica de reprodução do espaço. Este embate se dá justamente na cidade.

Portanto, a possibilidade de ampliação do debate teórico acerca da desconstrução espacial deve repousar sobre a cidade e as forças que a transformam cotidianamente, no saber fazer cidade, pelas práticas de planejamento e projeto. A revisão do conjunto de decisões inseridas no quadro geral de prioridade das ações urbanísticas encontra-se no momento de inflexão das ações no ordenamento da cidade contemporânea e deve refletir o seu peso histórico como processo de transformação.

Não apenas o processo histórico, mas a mudança na geografia torna o objeto fortemente sujeito a esta ação espaço-tempo, bem como a necessidade de renovação contínua das técnicas de modificação do espaço. Deste ponto, a dimensão geográfica destas transformações pode ser entendida como a dimensão humana da forma construída. Ao espaço são atribuídos valores de utilização simbólicos capazes de reforçar a dualidade paisagem natural e artificial.

A cidade é vista como aglomeração de elementos artificiais (o projeto) que atende a estatutos variados, no tempo e no espaço, de técnicas impressas em sua paisagem.

A primeira hipótese é que Altinópolis é “um projeto de paisagem” desde a escolha da implantação de seu núcleo original e a decisão pelo avistar a belíssima paisagem, até o feliz diálogo entre o “trem e a cidade”, como também a necessidade de sua população de dotar o município de ações que estimulassem o turismo ecológico. Neste sentido, a possibilidade de enfrentamento das políticas de gestão para uma “cidade saudável”, que possa ser facilmente percorrida a pé e que seja estimulado o uso de bicicleta, tem em seu passado algo a informar para decisões no presente momento em que se encontram as demandas para ações políticas sobre o espaço urbano e rural.

A produção do espaço também indica a produção de um material histórico que dá precisão ao caráter cultural do processo de desconstrução espacial e nos fornece dados para que a desconstrução no sentido da preservação das ações que já esgotaram o espaço não incorra na perda deste acervo. E por fim, é preciso quantificar as perdas ambientais, partindo da análise das formas remanescentes de natureza através dos quintais, conforme as modificações na estrutura fundiária dada a diminuição dos lotes; investigando quais os princípios estéticos e técnicos de formulação de projeto de retificação e canalização do córrego, utilização do ambiente natural, bem com a emergência de novas formas de utilização de sua geografia como linguagem estética de produção do espaço.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desconstrução da paisagem é antes de tudo a possibilidade de uma educação do olho, a fim de descobrir o que foi construído ao longo dos séculos de urbanização em nossas cidades. Ao mesmo tempo que revela possibilidades de reinterpretar e analisar a paisagem também se torna uma importante ferramenta de projeto. O projeto então nasce de um olhar cuidadoso e no sentido da desconstrução da paisagem que temos com vistas a um almejado equilíbrio.

Pode-se observar que a desconstrução da paisagem da cidade de Altinópolis, partindo da análise do processo histórico de transformação desta mesma paisagem, se deu como efeito da grande história da transformação da paisagem, tal qual outras cidades localizadas nas proximidades. Ali ou em lugares mais distantes, como no constante movimento de aproximação do modo de conceber e reunir as técnicas de transformação de seu espaço, a cidade também exigiu um repertório técnico de sua modificação. Assim também pode-se observar que os movimentos da própria natureza exigem na atualidade que sejam observados os elementos de seu espaço com condicionantes naturais para o novo projeto de cidade.

A visão da cidade na realidade da paisagem a partir da categoria Ruína foi a mais relevante, pois deste ponto observar as possibilidade de entrada do projeto de paisagem no caso de Altinópolis possibilita uma compreensão da cidade e de seu potencial de projeto.

Considerando a necessidade de que a gestão da paisagem passe a integrar as políticas públicas urbanas, um importante desafio, e contribuição que pretende este trabalho, é o de propor uma possibilidade para o estudo, interpretação e avaliação da paisagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTINÓPOLIS (Município). Prefeitura Municipal - PMA e UNIVERSIDADE Federal de São Carlos - UFSCar. Plano Diretor Participativo Urbano de Altinópolis (SP). A cidade que temos : leitura da realidade do município", workshop de mapas participativos nas escolas municipais, jan 2012.

ALTINÓPOLIS (Município). Prefeitura Municipal - PMA e Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Plano Diretor Participativo Urbano de Altinópolis (SP). Como imagino Altinópolis em 2020? Tema de redação feita aos alunos do 9º período da EMEF Padre Geraldo Trossel, Altinópolis, 2014.

ALTINÓPOLIS (Município). Prefeitura Municipal. "Altinópolis: Bassano Vaccarini", executado por RP Video, imagens e edição Ricardo Pereira, 9:33min, 2002.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. Disponível em: <[http://dutracarlito.com/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://dutracarlito.com/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf)>. Acesso em: 12 de dez. 2012

GAVOILLE, Antoine. **La Philosophie du Paysage en Espagne**, Naissance d'une Tradition Contemporaine. In: Mélanges de la Casa de Velázquez, tome 30-3, 1994. Époque contemporaine. p. 173-220. Disponível em: <[http://www.persee.fr/docAsPDF/casa\\_0076-230x\\_1994\\_num\\_30\\_3\\_2717.pdf](http://www.persee.fr/docAsPDF/casa_0076-230x_1994_num_30_3_2717.pdf)>. Acesso em: 11 de set. 2010.

GERMAINE, Marie-Anne et BALLOUCHE, Aziz. **L'articulation entre Enjeux Environnementaux et Aménités Paysagères dans les Politiques Publiques des Vallées du Nord-ouest de la France.** 2010. Disponível em: <[http://www.projetsdepaysage.fr/l\\_articulation\\_entre\\_enjeux\\_environnementaux\\_et\\_amenites\\_paysageres\\_dans\\_les\\_politiques\\_publiques\\_des\\_vallees\\_du\\_nord\\_ouest\\_de\\_la\\_france](http://www.projetsdepaysage.fr/l_articulation_entre_enjeux_environnementaux_et_amenites_paysageres_dans_les_politiques_publiques_des_vallees_du_nord_ouest_de_la_france)>. Acesso em: 04 jun. 2016.

JUNIOR, M. P. A **Terra Roxa.** Jornal A Provincia de São Paulo. 16 de outubro de 1877.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** Paz e Terra, São Paulo, 1995

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Destrução ou desconstrução?** - questões da paisagem tendência de regionalização. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

LEGLER, Jorte F. B.; VIEIRA, Marcelo M. F; FACHIN, Roberto C. **Um Exercício de Desconstrução do Conceito e da Prática de Segmentação de Mercado Inspirado em Woody Allen.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v42n4/v42n4a09.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2016.

MAGALHÃES, Kelly Cristina. Altinópolis: por um projeto da paisagem. Tese de doutorado apresentada ao PPGEU-UFSCar, agosto de 2016.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e Nações.** In: Repensando a Geografia. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

MARX, Karl. O Capital. Volume III, 1983.

MONTEIRO, Luzia Cristina Antoniossi. Moradia Social: ocupação de Espaços Desconstruídos Livres. 2008. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal de São Carlos, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

NARDIN, Juliana de. Os Condomínios Urbanísticos no Município de São Carlos. 2009. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

NOGUEIRA, Carlos Eugênio. O Lugar da Fronteira na Geografia de Pierre Monbeig. Doutorado em Geografia) – FFLCH - USP, Universidade de São Paulo, 2013.

NOGUEIRA, Carlos Eugênio. **O Lugar da Fronteira na Geografia de Pierre Monbeig.** Doutorado em Geografia) – FFLCH - USP, Universidade de São Paulo, 2013.

Orlando Moreira Junior. Processos excludentes e produção do espaço urbano em cidades pequenas paulistas: os casos de Capão Bonito, Buri e Ribeirão Grande. 2008. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

PROENÇA, Daniel Passos. Reabilitação do Centro Histórico da cidade de Santos - SP: Programa Alegria Centro. 2005. 0 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal de São Carlos, Orientador: José Francisco.

REANI, Regina Tortorella. Parcelamento irregular do solo como forma de produção de periferia: O Caso de Jundiá-SP, Dissertação , PPGEU, Ano de Obtenção: 2007.

SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem à Província de São Paulo.** Publicado pelo Museu Histórico Brasileiro, 1939. Disponível em: <[http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft_djvu.txt)>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SALGADO, Ivone. **A obra de Pierre Pate e a ideia de embelezamento na cidade.** 9 SCHU Seminário de História da cidade e do urbanismo. Disponível em: <http://unuospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/429/0>, acesso em : 05 de mai. 2015

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo, Ed. NOBEL, 1992.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHENKE, Luciana. **Arquitetura da Paisagem**. Entre o Pitoresco, Olmsted e o Moderno. Tese (Doutorado em de Arquitetura e Urbanismo) - IAU-Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, 2008.